

eduser

Ciberinterculturalidade, relações étnico-raciais e educação nas redes digitais

Cyberinterculturality, ethnic-racial relations and education on digital networks

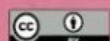
Ciberinterculturalidad, relaciones étnico-raciales y educación en las redes digitales

KELLY CRISTINA MONTEIRO MARTINS, ALESSANDRO ROBERTO DE OLIVEIRA

ISSN 1645-4774 | e-ISSN 2183-038X

<https://www.eduser.ipb.pt>

 INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação



Ciberinterculturalidade, relações étnico-raciais e educação nas redes digitais

Cyberinterculturality, ethnic-racial relations and education on digital networks

Ciberinterculturalidad, relaciones étnico-raciales y educación en redes digitales

KELLY CRISTINA MONTEIRO MARTINS¹, ALESSANDRO ROBERTO DE OLIVEIRA²

¹ Universidade de Brasília; Brasília; Brasil; <https://orcid.org/0009-0008-8115-8905>; kellym.martins07@gmail.com

² Universidade de Brasília; Brasília; Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4390-2883>; alessandrooliveira@unb.br

RESUMO: Este artigo aborda a temática das relações étnico-raciais no *ciberespaço* e suas possibilidades como ambiente não formal de educação. O objetivo é discutir a interface entre educação, comunicação e tecnologia em uma perspectiva intercultural. Por meio de uma etnografia digital, a pesquisa acompanhou quatro influenciadores(as) negros(as) nas plataformas Twitter (atual “X”) e Instagram, a partir da viralização da *hashtag* #BlackLivesMatter, em maio de 2020, até a ascensão da *hashtag* #WakandaForever, em agosto do mesmo ano. Os dados sistematizados revelam uma intensificação dos debates sobre racismo e identidade negra e apontam potencial das redes como ambientes educativos promissores na luta antirracista. Ao mesmo tempo, deve-se levar em consideração os limites dessas plataformas, como a efemeridade e superficialidade das discussões e seu próprio caráter neoliberal que mantém a reprodução de padrões hegemônicos e facilita a disseminação de desinformação, o que pode ser negativo em termos de aprendizagem, urgindo a necessidade de uma alfabetização midiática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação intercultural e antirracista; Comunicação digital; Etnografia digital; Cibercultura.

ABSTRACT: This paper discusses the theme of ethnic-racial relations in cyberspace and its possibilities as a non-formal education environment. The objective is to discuss the interface between education, communication and technology in an intercultural perspective. Through a digital ethnography, the research accompanied four black influencers on platforms such as Twitter (currently “X”) and Instagram, from the viralization of the hashtag #BlackLivesMatter, in May 2020, to the rise of the hashtag #WakandaForever, in August of the same year. The systematized data reveal an intensification of debates on racism and black identity that points to the potential of social networks as promising educational environments in the anti-racist cause. At the same time, these platforms limits must be taken into account, such as the ephemerality and superficiality of the discussions and their own neoliberal identity that maintains the reproduction of hegemonic standards and facilitates the misinformation dissemination, which can be negative when it comes to learning, showing up the need for media literacy education.

KEYWORDS: Intercultural and anti-racist education; Digital communication; Digital ethnography; Cyberculture.

RESUMEN: Este artículo aborda el tema de las relaciones étnico-raciales en el ciberespacio y sus posibilidades como entorno educativo no formal. El objetivo es discutir la interfaz entre educación, comunicación y tecnología desde una perspectiva intercultural. A través de la etnografía digital, la investigación siguió a cuatro influencers negros(a) en las plataformas Twitter (actualmente “X”) e Instagram, desde la viralización del hashtag #BlackLivesMatter, en mayo de 2020, hasta el ascenso del hashtag #WakandaForever, en Agosto del mismo año. Los datos sistematizados revelan una intensificación de los debates sobre el racismo y la identidad negra y apuntan al potencial de las redes como entornos educativos prometedores en la lucha antirracista. Al mismo tiempo, hay que tener en cuenta los límites de estas plataformas, como lo efímero y superficial de las discusiones y su propio carácter neoliberal que mantiene la reproducción de estándares hegemónicos y facilita la difusión de desinformación, lo que puede ser negativo en términos de aprendizaje, lo que resulta en la necesidad de una alfabetización mediática.

PALABRAS CLAVE: Educación intercultural y antirracista; Comunicación digital; Etnografía digital; Cibercultura.

1. Introdução

No Brasil, desde a promulgação da lei 10.639/2003, as histórias e culturas africanas e afro-brasileiras são conteúdos obrigatórios nos currículos escolares da educação básica, mobilizando discussões sobre os desafios da sua implementação, todavia, sabemos que o assunto transcende os currículos do sistema escolar e atualmente, as relações étnico-raciais configuram um tópico que movimenta as redes sociais. Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa interessada em compreender como a educação das relações étnico-raciais aparece nesse *ciberespaço*, considerando alguns aspectos como representatividade, racismo e identidade nas redes. A partir desse enfoque, apresentamos uma reflexão sobre as possibilidades e limites de uma pedagogia antirracista em ambientes online e nos interrogamos sobre esses processos em termos de uma *ciberinterculturalidade*¹.

As sociedades em rede já foram caracterizadas enquanto coletividades articuladas por tecnologias de informação e comunicação (TIC's) dispostas através de interações que produzem e interferem na formação da consciência e da opinião social, redesenhando o espaço público a partir da comunicação como base de processos políticos (Castells, 2005) e configurando um fenômeno propício também para transformações na teoria sobre o social (Latour, 2012). Outros autores argumentam que vivemos imersos em uma *cibercultura* - um processo de produção de *habitus* ou estilos diversos de vida em rede (Freitas & Gomes, 2015) que contempla um conjunto de técnicas, atitudes, valores e modos de pensamento que se desenvolvem no *ciberespaço* (Lévy, 1999).

Este cenário reconfigurou movimentos sociais como o movimento negro, atuante na superação do racismo, na valorização e afirmação da história e cultura negras no Brasil (Gomes, 2017), que se apropriou da internet para instituir novas formas de luta. Logo, nos interessa pensar se e como essa atuação nas redes configura ambientes de aprendizagem para diferentes segmentos sociais envolvidos sobre o tema. Nesses termos, nosso objetivo é discutir a interface educação, comunicação e tecnologia em uma perspectiva intercultural crítica (Walsh, 2009). Para isso, realizamos uma etnografia digital, acompanhando quatro personalidades negras que atuam como influenciadoras nas plataformas Twitter (atual "X")² e Instagram entre maio e agosto de 2020.

A pesquisa centrou-se no papel desses sujeitos enquanto mediadores (Latour, 2012) de um ambiente de aprendizagem antirracista, sem desconsiderar os limites infraestruturais dessas plataformas. Esta perspectiva apoia-se na discussão latouriana da teoria ator-rede e sua proposta de compreensão do social diferente das análises convencionais das ciências sociais sobre o estatuto do mundo social. Como observa o autor, em muitas situações os cientistas sociais usam o termo social para designar uma totalidade sem questionar a natureza do que é acomodado para significar esta totalidade, ora como algo construído, ora como um tipo de substância. Em um caminho diferente, preferimos pensar com Latour (2012) no social como associação, um tipo de movimento que buscamos rastrear para ver o que pode ser encontrado. Nesse sentido, consideramos seguir quatro atores-redes e seus papéis como mediadores em um universo configurado pela concatenação de mediadores e intermediários. Essa diferença é importante, na teoria ator-rede, os mediadores podem ser humanos ou não humanos, o importante está na qualidade da sua ação em promover associações e induzir outras ações, já intermediários também são participantes das ações, mas se restringem a operar como transmissores, reprodutores de associações existentes, sem gerar modificações relevantes. Enquanto mediadores deslocam, transformam, reduzem ou ampliam fluxos de informação e ação, o que passa pelos intermediários prediz o que sai, não produz efeitos que já não sejam previstos. Essas não são posições fixas, mas na nossa aproximação, *influencers* são aqueles que atuam na maior parte do tempo como mediadores, assim como os algoritmos, induzindo e sendo induzidos por eles a ações em uma cadeia complexa de associações e interações que nos propomos investigar.

¹ Pensamos aqui nas possibilidades de uma *"ciberinterculturalidade"* com base nas proposições de uma interculturalidade crítica, conforme desenvolvida por algumas autoras na América Latina e no Brasil (Walsh, 2009; Candau, 2016). No sentido básico, pode-se compreender a interculturalidade como inter-relação entre pessoas, saberes, valores e tradições culturalmente diferentes. Há uma segunda perspectiva denominada "funcional", que busca promover o diálogo e a tolerância, sem questionar as assimetrias sociais e culturais. Na perspectiva crítica, a interculturalidade pressupõe o confronto dessas desigualdades.

² A plataforma carrega o nome de "X" desde julho de 2023, após escolha do atual proprietário Elon Musk. Contudo, será referenciada neste trabalho como é popularmente conhecida - "Twitter".

2. Etnografia digital - caminhos metodológicos

As Ciências Sociais discutem o ambiente virtual enquanto campo de estudo das práticas socioculturais desde o final do século XX e uma das linhas de debate trata das possibilidades de pesquisa etnográfica no *ciberespaço*, perpassando uma variedade de termos. Enquanto *netnografia* e *webnografia* se aproximam por suas correlações com o marketing e a pesquisa de mercado, se diferenciam em seus objetos de análise – comunicação e análise de comportamento de consumidores em contexto online na *netnografia*, neologismo criado na metade dos anos 90 (net+etnografia) e defendido principalmente por Robert Kozinets; e análise de métricas e audiência de sites na *webnografia* (Fragoso et al., 2011).

Já a *ciberantropologia* é baseada “nos conceitos da antropologia *ciborgue* de Donna Haraway para examinar a reconstrução tecnológica do homem” (Fragoso et al., 2011, p. 198-199) e seus efeitos nas reconfigurações subjetivas do próprio ser humano. Diferentemente, a etnografia virtual analisa as interações sociais na internet e foi utilizado em 2000 por Cristine Hine, pioneira nesses estudos (Polivanov, 2013), com o objetivo de contemplar a complexidade da internet, analisada tanto como cultura quanto artefato cultural, construindo o campo em termos reflexivos e subjetivos (Fragoso et al., 2011).

A etnografia digital surge, então, como possibilidade de ampliação dessa última por meio de um uso intenso das redes digitais postando o material coletado (Fragoso et al., 2011). Além disso, seu diferencial está na compreensão de tudo que se conecta na relação online-offline sem distinção entre fenômenos (Coletiva Ciborga, 2022).

Este estudo optou pela etnografia digital como definição metodológica de pesquisa por compreender o nexo online-offline em conectividade intensa numa relação mútua - também defendida por estudiosos de referência em ambientes digitais, como Miller e Slater (2004).

Para além das terminologias, a importância do trabalho etnográfico está na compreensão da produtividade social no *ciberespaço* pela relação direta entre a sua existência social, criada pela comunicação mediada pelo computador, e os padrões culturais construídos pelos sujeitos (Máximo, 2006) - padrões esses que “não só informam sobre os grupos e os sujeitos, fornecendo modelos da cultura, como também os formam, fornecendo modelos para a cultura” (p.12).

Nesse processo, é fundamental desnaturalizar as redes para entender suas particularidades (Lav, 2020), incluindo seu caráter efêmero que exige uma etnógrafa transeunte e uma observação flutuante para transitar junto, percorrer redes diferentes e deixar-se conduzir pelo inesperado (Leitão & Gomes, 2017). É necessário ainda considerar a instabilidade produzida pelas ações e interações, interpretadas de formas diferentes pelos sujeitos e frequentemente reorganizadas de acordo com a variedade de apropriações e significações que recebem em razão da diversidade de seus contextos socioculturais (Freitas & Gomes, 2015).

Nesta perspectiva, delimitamos a observação nas plataformas digitais Instagram, escolhida por ser a rede social mais utilizada no Brasil de acordo com uma pesquisa feita pela *Comscore* (Forbes, 2023), e Twitter, por seu modelo de interação baseado em textos curtos e por ser uma das principais fontes de informação em tempo real na atualidade. Acompanhamos o perfil de quatro personalidades negras, nomeadas “*Influencer 1*”, “*Influencer 2*”, “*Influencer 3*” e “*Influencer 4*”, buscando identificar o caráter educativo da atuação de cada um deles nessas redes com base em quatro eixos de acompanhamento: intelectuais negras/os, aliadas/os, resistências e reações racistas, em um intervalo de três meses e meio.

“*Influencer 1*” é um jovem negro, engenheiro civil, ministrante de cursos de letramento racial, palestrante, colunista e criador de conteúdo digital sobre questões raciais, cultura negra e antirracismo. Hoje, conta com mais de 126 mil seguidores no Instagram, além de quase 145 mil seguidores no Twitter.

“*Influencer 2*” é uma mulher negra, jovem, historiadora, professora, criadora de conteúdo nas redes sociais sobre vivências e desafios da docência a partir de suas experiências em sala de aula. Colaboradora de página no Instagram sobre ativismo negro e idealizadora de um projeto que debate negritude e ancestralidade nas escolas, possui 36 mil seguidores no Instagram e mais de 86 mil seguidores no Twitter.

“*Influencer 3*” é uma jovem preta, modelo, *youtuber*, blogueira e criadora de conteúdo digital sobre moda, beleza e vídeos humorísticos. Utiliza sua visibilidade para também abordar a luta pela representatividade negra no universo das blogueiras e denuncia as dificuldades que mulheres negras encontram na indústria da moda e beleza. Atualmente, possui 9,6 milhões de seguidores no Instagram e mais

de 2,7 milhões de seguidores no Twitter.

Por último, “*Influencer 4*” é uma mulher preta, 35 anos, palestrante, escritora, pesquisadora e ativista antirracista brasileira, graduada e mestre em Direito, doutoranda em Sociologia. Discute temas, cria conteúdos digitais e oferece cursos relacionados às questões raciais, gênero, feminismo negro e cultura científica. Dissemina conteúdo nas redes sociais relacionados às temáticas citadas por acreditar no potencial de ensino que as plataformas oferecem. Possui 54,7 mil seguidores no Instagram e quase 168 mil seguidores no Twitter³.

Inspirados na teoria social latouriana (2012), destacamos que a escolha destes quatro sujeitos não pretende operar como uma amostra de população, no sentido de tomar a parte pelo todo, delimitados *a priori* como quatro indivíduos de uma sociedade. Elegemos seguir quatro mediadores, quatro nós de uma rede de relações que não pode ser compreendida como um conjunto fixo ou determinado, uma população ou uma sociedade, mas que nos permitiram pontos de entrada e balizamento em um fluxo dinâmico de interações nas quais esses quatro atores exercem influência, deslocam, transformam, traduzem, modificam conteúdos e argumentos em um período de tempo determinado, assim como os algoritmos, seus mais de 12 milhões de seguidores e mesmo aqueles afetados por suas ações sem participar de suas redes, abrindo espaço para o trabalho reflexivo dos próprios atores ao definirem a si mesmos e o que estavam fazendo. Logo, são suas conexões que lhes conferem existência, relevância e representatividade.

Concentramos a observação nas redes por meio da ascendência de *hashtags*⁴. A delimitação temporal do levantamento de dados teve início no assassinato de George Floyd nos Estados Unidos e acompanhou a *tag #BlackLivesMatter*⁵, que viralizou nas redes sociais e ocasionou uma onda global de debates sobre racismo, identidade negra, antirracismo e outras questões referentes à infraestrutura das plataformas digitais. O ponto delimitador foi o episódio da morte precoce de Chadwick Boseman em 28 de agosto de 2020, internacionalmente conhecido por suas atuações no cinema, em particular no filme “Pantera Negra”, que provocou a emergência da *tag #WakandaForever* no Twitter, gerando uma nova onda de repercussão do tema, desta vez com enunciados sobre orgulho identitário, representatividade e afirmação da negritude.

Nessas dinâmicas, procuramos identificar relações entre quem emite e quem consome esses conteúdos e seus possíveis efeitos como práticas pedagógicas antirracistas em ambientes online. Para tanto, produzimos uma documentação etnográfica por meio de *hashtags* nas redes: postagens, produções audiovisuais, *lives*, interações entre sujeitos a partir de ferramentas próprias das infraestruturas como fontes para análise. Ao longo do percurso, mantivemos um diário de campo com registros de impressões e questões que surgiram da observação e discussão da própria pesquisa.

A organização e interpretação do material seguiu o método de Bardin (2011) para análise de conteúdo em pesquisas qualitativas. Este trabalho foi dividido em três etapas. Na primeira, realizamos uma “leitura flutuante” das postagens nas redes Twitter e Instagram dos quatro influenciadores acompanhados durante o período definido e suas repercussões em forma de *likes*, *retweets*, respostas, comentários e compartilhamentos. Selecionamos os materiais a partir de recursos das próprias plataformas, como abas para “itens salvos”, atentando-se à homogeneidade do tema visando a comparação e categorização, representatividade do universo e pertinência quanto ao objetivo da pesquisa (Câmara, 2013, p.183). Identificamos os conteúdos sobre a temática da interculturalidade e questões étnico-raciais, incluindo debate sobre representatividade e identidade negra, racismo, antirracismo e movimento negro nas redes. A partir daí, levantamos hipótese dessas mídias sociais enquanto espaços de diálogo intercultural e de aprendizagem na luta antirracista.

Na segunda fase, exploração do material, delimitamos o conteúdo e definimos categorias a partir de unidades de registro baseadas na classificação semântica (temas) e lexical (sentido do conteúdo em um universo comum), definidas então por *hashtags* e temas principais. Outros aspectos foram encontrados nos materiais selecionados e colaboraram com o debate e análise do objeto de estudo apesar de não serem incluídos como unidades de registro por não constarem nos registros de todos os influenciadores.

³ Decidimos manter as identidades das personalidades acompanhadas, bem como outros sujeitos na rede, preservadas.

⁴ Termo aglutinador de discussões feitas em redes sociais que, ao inserir o símbolo (#) antes da palavra/frase e feita a publicação, gera-se um *hiperlink* que dá acesso a uma página com variadas publicações associadas ao mesmo tema.

⁵ A variação da *tag* em sua tradução para o português “#VidasNegrasImportam” também viralizou no Brasil e foi considerada neste trabalho.

Tabela 1

Unidades de Registro.

HASHTAGS	TEMAS
1. #BlackLivesMatter	1. Movimento negro nas redes
2. #BlackOutTuesday	2. Identidade e representatividade negra
3. #BlackIsKing	3. Racismo
4. #WakandaForever	4. Antirracismo
	5. Ensino e aprendizagem nas redes
	6. Críticas às estruturas das redes
	7. Reações positivas e negativas
	8. Críticas ao funcionamento do debate nas redes
	9. Visibilidade negra nas redes

Fonte: produzida pelos autores

Finalmente, realizamos o tratamento dos materiais e interpretação dos resultados construindo inferências para buscar o sentido do conteúdo e analisar além do material propriamente acessado (Câmara, 2013). A discussão é apresentada através da síntese do percurso de pesquisa registrada no diário de campo.

3. *I can't breathe*: Racismo, violência policial e indignação

25 de maio de 2020. George Floyd, homem negro de 46 anos, é assassinado em Minneapolis, Estados Unidos. Derek Chauvin, um policial branco, manteve-o imobilizado no chão com o joelho em seu pescoço enquanto a vítima repetia: *"I can't breathe"*. A tragédia causou revoltas que se espalharam pelo mundo, provocando um caloroso debate sobre racismo e relações étnico-raciais também no *ciberespaço* brasileiro. A tag *#BlackLivesMatter*, mobilizada por ativistas nas redes sociais desde 2013, reapareceu como forma de protesto, sobretudo no dia 28 de maio daquele ano. Acompanhamos sua ascensão no Twitter a partir de ferramentas da plataforma - *tweets*, *retweets* e *likes*. O sentimento compartilhado era de revolta, espanto e angústia, ao mesmo tempo sede por justiça. Ações online causaram efeitos offline - mesmo em pandemia, manifestações contra o racismo e fascismo foram convocadas pelo país.

Figura 1

Influencer 4 e 3 acerca do *#BlackLivesMatter* e Influencer 2 e 1 nos atos de junho de 2020, respectivamente.

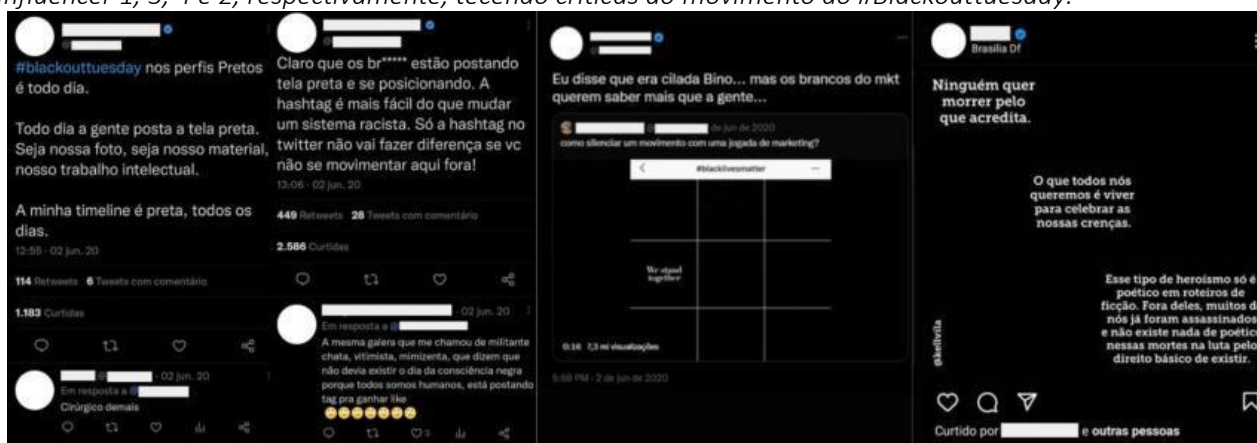


Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

No dia 02 de junho de 2020, a tag *#Blackouttuesday* movimentou as redes. Essa ação, iniciada pela indústria musical nos Estados Unidos, abriu espaço para internautas protestarem contra o racismo e a violência policial. A ideia era postar uma tela preta durante o dia com objetivo de criar um “apagão” nas redes e permitir maior visibilidade de conteúdos relacionados a questões raciais para construir campanha de apoio às iniciativas e à conscientização antirracista. O movimento gerou controvérsias - personalidades negras, incluindo os influenciadores e influenciadoras acompanhadas, questionaram os efeitos da iniciativa para a luta antirracista dentro e fora das redes. Enquanto os(as) *Influencers 1, 3 e 4* refletiram acerca das atitudes antirracistas de pessoas negras e criticaram a ação como estratégia de marketing e silenciamento, a *Influencer 2* ressignificou o movimento ao utilizar escritos registrados em fundo preto para posicionar-se.

Figura 2

Influencer 1, 3, 4 e 2, respectivamente, tecendo críticas ao movimento do #Blackouttuesday.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

Nos meses de junho e julho daquele ano, houve aumento significativo de seguidores de influenciadores/as negros/as. A infraestrutura das redes também ampliou a quantidade de contas “verificadas” – na época, contas de interesse público consideradas autênticas⁶. Além disso, pessoas brancas, famosas, cederam suas contas para ativistas e pensadores(as) negros(as) disseminarem conteúdos educativos para as relações étnico-raciais, objetivando criar espaços de debate e conscientização com alcance maior.

Uma série de acontecimentos reverberaram nas redes durante aquele período: exposição e pressão sobre as instituições públicas contra fraudadores do sistema de cotas para ingresso nas universidades; engajamento virtual simultâneo à participação de personalidades negras em programas de televisão ou *lives*, como o jurista Silvio Almeida no Roda Viva; e relatos de experiências dolorosas provocadas pelo racismo a partir de *tags* como *#racismonainfância*, levantada no dia 06 de junho de 2020.

Conforme pesquisa realizada pela VIU HUB⁷ no ano de 2020 sobre a *#BlackLivesMatter*, as buscas pelo termo “racismo” cresceram mais de 400%, constatando o impacto no Twitter e Instagram no movimento mundial contra esse crime. O aumento significativo de *lives* transmitidas e conteúdos disseminados transformaram as redes sociais em espaço de debate e construção de conhecimento para as relações étnico-raciais mediada por influenciadores(as) digitais. Assim, um vídeo muito difundido continha a filha de George Floyd dizendo: “papai mudou o mundo” (Jackson, 2020).

Nesse fluxo, percebemos potencial de construção de práticas pedagógicas antirracistas no *ciberespaço* e, ao mesmo tempo, também observamos características estruturais das próprias redes que interferem negativamente para uma educação nesses espaços.

⁶ No Twitter, essa caracterização de autenticidade para a verificação de contas também sofreu alterações após a aquisição da plataforma por Elon Musk. Desde fevereiro de 2023, no Brasil, é possível adquirir o selo de verificação a partir da assinatura de um plano de serviço. Em abril do mesmo ano, este serviço passou a ser exclusivo para assinantes, independentemente da confiabilidade da conta. Atualmente, o plano de serviço “Premium” na plataforma oferece esse e outros serviços por um custo mensal de R\$ 60,00 para utilização via IOS e Android.

⁷ Área da Globosat, maior programadora da América Latina, focada no desenvolvimento de projetos e conteúdos digitais. Pesquisou o movimento *#BlackLivesMatter* em números no ano de 2020.

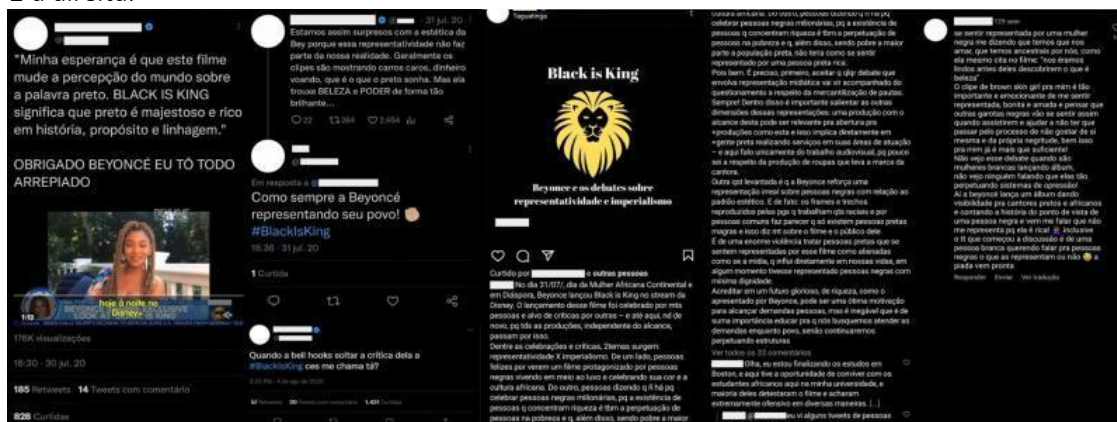
3.1 Do #BlackisKing ao #WakandaForever: pluralidade, representatividade e posicionamentos

Durante aquele período, o *ciberativismo* negro perpassou vivências raciais, debates sobre representatividade e identidade nas redes e afora. No dia 31 de julho de 2020, levantou-se a tag #BlackisKing nas mídias sociais após estreia do filme musical de Beyoncé, com esse nome, que abarca questões da cultura, ancestralidade e diáspora africana a partir da beleza e riqueza de suas culturas, no plural, contrapondo a lógica da história única denunciada por Adichie (2019) que insiste em reproduzir um continente homogêneo e tomado por miséria.

O lançamento da produção movimentou as redes sociais, ocupadas em sua maioria por pessoas negras celebrando suas origens, emocionadas pela representatividade do material, como observado nas manifestações e interações dos *Influencers* 1 e 3. Ao mesmo tempo, críticas apontaram uma produção atrelada ao imperialismo que reforçava uma estética pejorativa associada à selva, desagradando parte do público como a *Influencer* 4. Nesse sentido, a *Influencer* 2 propôs debate em suas redes que abrangia ambas as perspectivas.

Figura 3

Influencer 1, 3 (e resposta de seguidor) e 4 sobre a #Blackisking à esquerda e debate proporcionado pela *Influencer* 2 à direita.

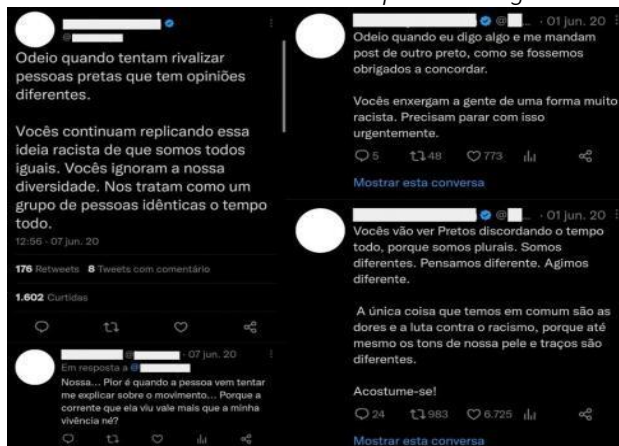


Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

Esse contexto demonstra uma das características do ativismo negro nas redes reforçada pelos influenciadores: pluralidade. Em diferentes momentos, observamos divergências entre as personalidades acompanhadas. A ideia “preto é tudo igual” é uma concepção racista que ignora as diversidades e reduz identidades negras a uma homogeneidade. Essa perspectiva é também estruturada no digital, como denunciado pelo *Influencer* 1, e gera cobranças em pessoas negras a partir de diferentes aspectos.

Figura 4

Denúncias do Influencer 1 sobre a visão racista de unicidade de pessoas negras.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

A denúncia de racismos tanto no *ciberespaço* quanto no mundo offline é uma das principais pautas de atuação do ativismo negro na internet observadas no estudo. As situações relatadas durante esse debate ocasionam identificação entre pessoas negras, ao passo em que pessoas brancas reagem tanto de maneira positiva, atribuindo possibilidade de reflexão e desconstrução de práticas racistas próprias, ou negativa, caracterizando como “exagero”, definindo o que é ou não racismo e desconsiderando as vozes das vítimas.

Figura 5

Diálogo com pessoas negras e brancas sobre racismo nas redes do Influencer 1.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

É importante ressaltar que a atuação de pessoas negras nas redes não se restringe a denúncias. A *Influencer 3*, por exemplo, não caracteriza sua atuação a partir de debates sobre racismo por considerar outras ativistas com maior embasamento teórico. As discussões acionadas por ela perpassam identidade e representatividade negra e ocorrem tanto diretamente quanto indiretamente, pelo próprio caráter do seu trabalho enquanto blogueira preta, gerando identificação e valorização da estética negra a partir da exposição de sua imagem e conteúdos de moda. Assim, desenvolvem-se debates sobre belezas dissidentes do padrão branco eurocêntrico para construir valorização de aspectos físicos característicos de mulheres negras, principalmente cabelo e boca. Com isso, há o fortalecimento de uma concepção de negritude e empoderamento feminino negro na internet mediada pela atuação dessa *Influencer*.

Figura 6

Posicionamento da Influencer 3 acerca do caráter de seus conteúdos nas redes à esquerda e interações com seguidores sobre identidade e representatividade negra à direita.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

Analisando as movimentações durante aquele período, observamos ainda as redes sociais enquanto ambiente de partilha entre pessoas negras sob a ótica do conhecimento como ferramenta de empoderamento.

Figura 7

Interações nas redes do Influencer 1 sobre a relação conhecimento e empoderamento negro.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

Nesse sentido, a tag #WakandaForever, levantada após a morte de Chadwick Boseman, o Pantera Negra, mobilizou sentimentos de pertencimento e orgulho na comunidade negra pelos significados do ator e do filme em termos de identidade e representatividade e proporcionou disseminação de mensagens positivas nas redes sociais dos influenciadores e seus seguidores.

Figura 8

Influencer 4, 3, 2 e 1, respectivamente, e respostas de seguidores sobre a #WakandaForever.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

Por outro lado, esse conhecimento gerado por meio das e nas redes sociais alcançou pessoas brancas sob uma ótica diferente, da construção de consciência e práticas antirracistas. Os influenciadores atuaram de maneira diversa nesse sentido – indiretamente para uns, isto é, a aprendizagem ocorre mesmo sem intenção como consequência dos debates gerados, e intencionalmente para outros, através dos conteúdos de questões étnico-raciais criados para partilha de conhecimentos visando contribuir com a luta antirracista sob viés

educativo no digital.

Figura 9

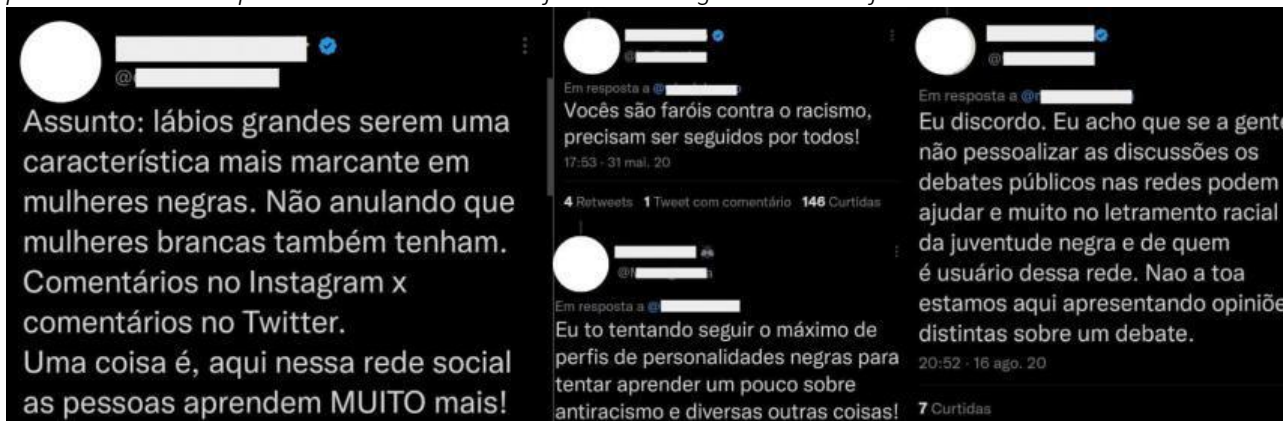
Indivíduos comentando a possibilidade de aprendizagem nas redes a partir de postagens do Influencer 1 à esquerda e seguidores da Influencer 2 reagindo a sua postagem sobre onda de indicação de pessoas negras nas redes a partir da ideia de “aprendizagem” em ambientes online à direita.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

Figura 10

Influencer 3 situa “aprendizagem” nas redes a partir da temática sobre estética negra à esquerda e seguidores da Influencer 4 reafirmam aprendizagem no digital à direita, além de comentário da personalidade sobre o potencial das redes para letramento racial da juventude negra e outros sujeitos.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

Isso demonstra como movimentos de diálogo nas redes surgem das manifestações dos influenciadores acompanhados, que parecem mediar um processo educativo. Ao mesmo tempo, um ponto comum aos *influencers* são as críticas às próprias dinâmicas e estruturas das plataformas digitais, como a superficialidade de temáticas debatidas em ciclo vicioso e sua efemeridade, o que não contribui para uma noção consistente de educação nesses espaços. Os influenciadores questionaram, ainda, posicionamentos mais interessados em “viralizar” nas redes em busca de *status* e validação, do que propriamente construir uma luta antirracista, sobretudo partido de pessoas brancas.

Figura 11

Influencer 2, 3, 1 e 4, respectivamente, sobre a utilização da temática negra na Internet e a busca por “likes”.



Fonte: Prints resgatados pelos autores nos perfis acompanhados

Outros pontos críticos foram mapeados, como a baixa quantidade de pessoas negras verificadas nas plataformas, ganho de visibilidade maior em casos de violência, ausência de mecanismos verdadeiramente eficazes para denunciar contas racistas, mercantilização e capitalização do racismo nas redes sociais pela própria estrutura visando monetização e lucro.

A tragédia ocorrida com Floyd voltou a movimentar as redes no Brasil no dia 4 de dezembro de 2022. No programa *Domingão com Huck* da rede Globo de televisão no quadro *Quem quer ser um milionário* – um jogo de perguntas e respostas que envolvem conhecimentos sobre variados assuntos -, surgiu uma pergunta sobre quais teriam sido as últimas palavras da vítima no dia em que foi assassinada, valendo 5 mil reais.

Figura 12

Pergunta sobre a trágica situação de George Floyd em um programa de televisão.



Fonte: <https://www.agazeta.com.br/hz/tv-e-famosos/huck-pede-desculpas-por-pergunta-sobre-george-floyd-no-domingao-errei-1222>

Na ocasião, internautas expressaram indignação pela insensibilidade do apresentador e sua equipe ao trazer um trauma para a comunidade negra em um contexto de entretenimento. Luciano reconheceu o erro e pediu desculpas em sua página do Twitter. No programa seguinte, o apresentador se desculpou em nome de toda equipe pela pergunta “inadequada” que “banalizava a violência sofrida por George Floyd”. Reforçou o erro, disse que “o nosso letramento antirracista é uma construção constante” e completou dizendo que ficaria o aprendizado. O vídeo foi postado em suas redes sociais e alcançou mais de 300.000 visualizações só no Twitter.

Alguns internautas criticaram o apresentador por ceder a uma discussão considerada “frescura”, outros parabenizaram a atitude. Muitos questionaram ainda como uma pessoa com tanto acesso à informação poderia consentir com situações como a ocorrida, escondendo-se sob argumento característico da branquitude de “aprendizado”⁸.

4. *Cibercultura, relações étnico-raciais e redes sociais*

O reconhecimento da pluralidade étnico-cultural na sociedade brasileira a partir da Constituição Federal (1988) gerou debates sobre interculturalidade e valorização das identidades na educação. Um conjunto de dispositivos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), a lei 10.639/2003 e a Resolução CNE/CP nº 01 de 2004, colocou as relações étnico-raciais no centro dessa discussão.

Com o advento das TIC’s, o debate avançou por outros meios - as redes produziram um campo de lutas, onde novas formas de organização se expandiram, com mais autonomia e visibilidade (Castells, 2003). Nessa perspectiva, o termo “*ciberativismo*” é utilizado para definir a utilização da internet por movimentos sociais na luta contra formas de discriminação, com o objetivo de conscientização e mudanças na agenda pública, por meio da propagação de mensagens multiplicadas na rede pelas publicações pessoais (Ugarte, 2008).

Os princípios de compartilhamento na rede podem ser caracterizados pela noção de emitir/produzir, gerar conexão a partir da relação produção-consumo de informações e, dessa forma, causar transformações culturais na sociedade contemporânea (Lemos, 2009). Essa dinâmica *cibercultural* reflete nos modos de conhecer e educar no digital, uma vez que a aprendizagem é compreendida enquanto campo aberto de oportunidade de desenvolvimento em variados espaços e a relação constante entre sujeitos e mídias demonstra-se determinante na construção do conhecimento (Versuti & Lima, 2018), o que coloca a educação não formal e as mídias digitais em uma relação de possibilidades.

Segundo Boyd (2011), o contexto digital vale-se de quatro qualidades potenciais: persistência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade, isto é, os dados permanecem nas redes com potencial significativo de compartilhamento com velocidade e capacidade de visibilidade intensas. Assim, ao mesmo tempo em que há propagação de discursos de ódio, racistas e preconceituosos, tem-se uma disseminação de discursos educativos para as relações étnico-raciais. Além disso, em razão da *cibercultura* se associar ao sujeito que ocupa esses espaços numa relação de produção processual e dinâmica que constrói subjetividades e novas formações sociais (Freitas & Gomes, 2015), as reflexões alcançam novas dinâmicas de vivências de identidades no *ciberespaço*, gerando uma *ciberinterculturalidade* crítica das estruturas sociais online e offline.

Nesse sentido, a ampliação das possibilidades de trocas, atuação dos movimentos sociais, construção de subjetividades, vivência de identidades, processos comunicativos e aprendizagens no e pelo meio digital, parecem contribuir com a reflexão sobre interculturalidade e questões étnico-raciais nas redes, uma vez que tal debate implica também pensar em quem está tendo acesso a esse mundo do *ciberespaço*, como estão tendo acesso, ao que estão tendo acesso e quais as implicações para uma educação intercultural e antirracista.

O *ciberativismo* negro, valendo-se das ferramentas das plataformas digitais, garante visibilidade ao debate com uma velocidade de disseminação, e na medida em que alcança e oportuniza a participação de um grande número de pessoas, nos faz refletir sobre a legitimidade dos saberes produzidos e distribuídos no *ciberespaço*. Esse processo pode ser percebido por meio da produção de conteúdo antirracista e de cultura negra como o *Influencer 1* promove, ou pela perspectiva de uma educadora negra como a *Influencer 2*. Ainda, a partir do conteúdo de estética/humor produzido por blogueiras pretas, como a *Influencer 3*, que nos convida a refletir sobre essa representatividade em um contexto de invisibilidade de mulheres negras nas redes sociais, além da atuação de intelectuais negras e ativistas como a *Influencer 4*, que acredita no potencial de ensino que as redes sociais oferecem para construção de prática antirracista nesses ambientes.

Uma vez que encontros culturais são inerentes à vida em sociedade e o conflito entre identidades é inevitável quando compartilham um mesmo tempo e espaço (Reis da Silva & Soares, 2021), a vivência social no *ciberespaço* também abarca o desafio de lidar com tais conflitos. Apesar dos potenciais das mídias digitais supracitados, a promoção das manifestações de discursos de ódio, preconceito e intolerância reforça a

⁸ Estamos cientes de que há uma frente de discussões no campo das relações étnico-raciais sobre a “branquitude”, que poderia ser colocada em diálogo com o fenômeno estudado. Esse exercício poderá ser feito em uma próxima oportunidade.

necessidade do debate sobre interculturalidade alcançar o mundo das redes e possibilitar a construção, no ambiente digital, de práticas pedagógicas que valorizem e reconheçam as diversas identidades culturais existentes - caminho que parece promissor para uma educação para/das relações étnico-raciais no digital.

Contudo, há limites nas plataformas que nos fazem refletir sobre a construção de aprendizagem nesses espaços, como a efemeridade dos discursos, o caráter de “onda” dos fenômenos que produzem posicionamentos em busca de engajamento e monetização, além da produção de debates superficiais. Ademais, estes espaços não-neutros são estruturados por um sistema algorítmico que influencia diretamente as relações produzidas nas redes e a própria relação humano-máquina (Silva et al., 2021) - a introdução de “infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida” (Poell et al., 2020, p. 4-5) posicionam as plataformas na lógica da arquitetura digital do neoliberalismo (Cesarino, 2021), onde público e privado se convergem e dados são transformados em moeda de troca passível de manipulação para fins econômicos (Paletta & Lago, 2022), um processo de apropriação da vida humana denominado por Couldry e Mejias (2019) de Colonialismo de Dados.

Considerando ainda a comunicação e informação como fontes de poder e mudança social (Paletta & Lago, 2022), Cesarino (2021) explica que a lógica do neoliberalismo propõe mais do que uma agenda econômica - uma doutrina epistêmica que potencializa o efeito de dominação das plataformas a partir da manipulação das informações em favor de classes dominantes, transformando a internet em um espaço também de propagação de desinformação.

Essas limitações demandam uma alfabetização midiática que proporcione conscientização acerca desses mecanismos de manipulação e que desenvolva “um sujeito crítico que lê, interpreta, edita e escreve a realidade” (Spinelli & Santos, 2020, p.147).

5. Considerações finais

Essa pesquisa evidenciou que as mídias digitais, para além de um espaço de conexões e interações sociais, propiciam novas relações com o saber e viabilizam a construção de um processo de ensino-aprendizagem no e pelo meio digital, transformando-se em um importante espaço para debates de interesse público, especialmente no campo da educação.

Os movimentos sociais na contemporaneidade incorporaram as TIC's e o uso das redes sociais está transformando seus modos de ação, viabilizando a construção de uma cultura ativista e intercultural crítica no *ciberespaço*, uma *ciberinterculturalidade* que altera a dinâmica das relações étnico-raciais dentro e fora das redes por meio da vivência de práticas pedagógicas antirracistas nesses espaços.

Apesar disso, destacam-se os limites dessas plataformas na promoção de debates muitas vezes superficiais e efêmeros, além de serem estruturadas sob um sistema algorítmico que intensifica a arquitetura digital do neoliberalismo e produz dinâmicas de manipulação e exploração. Neste cenário, compreendemos a interface Educação e Comunicação em um contexto desafiador que demanda a difusão de debates críticos sobre os usos das redes, seus efeitos na construção de subjetividades e na produção de conhecimento, ressaltada a importância do investimento em uma alfabetização midiática.

No Brasil, projetos de lei que versam sobre a temática estão em análise na Câmara dos Deputados, como o PL 2985/22 que inclui a educação midiática como tema transversal nos currículos da educação básica, o PL 5597/20 que propõe a inclusão de conteúdos sobre a influência das mídias digitais na sociedade nos currículos do ensino fundamental, e o PL 11/23 que prevê a inclusão do tema alfabetização midiática e combate à desinformação nos currículos escolares, com produção e distribuição de material didático⁹.

A partir de nossas decisões metodológicas baseadas na escolha de seguir quatro *influencers* como mediadores, em um universo concatenado de atores-redes no sentido latouriano, concluímos que as redes sociais demonstram potencial como ambientes de construção de práticas pedagógicas antirracistas mediadas por atores em rede e compartilhadas por coletivos, sem desconsiderar os limites estruturais ou mesmo projetar qualquer generalização, do tipo parte pelo todo, com base nos dados que rastreamos em um fluxo temático e temporalmente determinado.

Considerando esses apontamentos, adotar uma perspectiva intercultural crítica e antirracista com base

⁹ <https://www.camara.leg.br/noticias/937633-PROJETO-PREVE-INCLUSAO-DE-ALFABETIZACAO-MIDIATICA-NOS-CURRICULOS-ESCOLARES>

em conceitos de aprendizagem nas redes é uma forma de estar em sintonia com a urgência de reflexão sobre as formas de atuação das TIC's na questão racial. Estudos dessa problemática como o que realizamos podem renovar o debate na perspectiva da educação para/das relações étnico-raciais e contribuir com a ampliação dos horizontes da luta antirracista.

Contribuição

K. MARTINS: Conceptualização; Investigação; Análise de dados; Análise Formal; Metodologia; Escrita-Esboço original; Escrita-Revisão & Edição. A. OLIVEIRA: Conceptualização; Análise Formal; Metodologia; Escrita-Esboço original; Escrita- Revisão & Edição; Validação; Supervisão.

Referências

- Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Boyd, D. (2011). Social Network Sites as networked publics: Affordances, Dynamics, and implications. Em Z. Papacharissi, (Ed.). *A Networked Self: Identity, Community and Culture on Social Network Sites*. Routledge.
- Câmara, R. H. (2013). *Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações*. Revista Interinstitucional de Psicologia.
- Candau, V. M. F. (2016). *Cotidiano escolar e práticas interculturais*. Cadernos De Pesquisa, 46(161), 802–820.
- Castells, M. (2005). A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. Em M. Castells & G. Cardoso (orgs). *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Acção Política*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Castells, M. (2003). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Jorge Zahar Ed.
- Cesarino, L. (2021). Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 21 (2), 304-315. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39872>
- Coletiva Ciborga. (2022). *Etnografia digital: um guia para iniciantes nos estudos da linguagem em ambientes digitais*. Cegraf UFG. <https://doi.org/10.5216/COL.etn.ebook.978-85-495-0509-5/2022>
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1988). *Palácio do Planalto*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Couldry, N., & Mejias, U. (2019). *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism*. Stanford University.
- Forbes. (2023, março). Instagram é a rede mais consumida no Brasil, mas declínio preocupa Big Techs. <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/instagram-segue-na-lideranca-no-brasil-mas-declinio-das-redes-preocupa-big-techs/>
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). Métodos de pesquisa para internet. Sulina.
- Freitas, E. T., & Gomes, L. G. (2015). Uma antropologia da cibercultura. *Vivência: Revista de Antropologia*, v.1, n.45. <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8237>
- Gomes, N. L. (2017). *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Vozes.
- Jackson, Stephen (@_stak5_). (2020, junho). That's right GiGi "Daddy changed the world" George Floyd the name of change. https://www.instagram.com/p/CA9K06mF88W/?utm_source=ig_embed&ig_rid=fb16f992-ab93-465c-8f15-3e0980332dd7
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. EDUFBA - EDUSC.
- Lav, Laboratório de Antropologia. (2020, julho). As implicações da etnografia on-line. Webinar 2. Prof.a Tânia Freitas. <https://www.youtube.com/watch?v=odSffFKVw64&t=13s>
- Lei n.º 9394/1996, de 20 de dezembro. *Palácio do Planalto*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm
- Lei n.º 10639/2003, de 9 de janeiro. *Palácio do Planalto*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias
- Leitão, D. K., & Gomes, L. G. (2017). Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica*, número 42, p. 41-65. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41884>
- Lemos, A. (2009). Cibercultura como território recombinante. Em E. Trivinho & E. Cazeloto (Ed.). *A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. ABCiber, Instituto Itaú Cultural.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.

Miller, D., & Slater, D. (2004). Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, ano 10, n. 21, p. 41-65. <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/>

Paletta, F. C., & Lago, J. J. C. (2022). Plataformização e o uso da informação para a criação de estímulos de consumo. *e-Ciencias de la Información*, v.12, n 1. <https://doi.org/10.15517/eci.v12i1.48095>

Poell, T., Nieborg, D., & Dijck, J. V. (2020). Plataformização. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* 22(1):2-10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>

Polivanov, B. (2013). Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Revista esferas*, Ano 2, nº 3. <https://doi.org/10.31501/esf.v1i3.4621>

Reis da Silva, A. T., & Soares, I. R. (2021). A diversidade cultural como potência pedagógica: do encontro à educação intercultural. *Roteiro*, v. 46. <https://doi.org/10.18593/r.v46i.24767>

Resolução nº1/2004, de 17 de junho. *Portal do Mec, CNE/CP*. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>

Spinelli, E. M., & Santos, J. A. (2020). *Alfabetização Midiática na era da desinformação*. ECCOM, v. 11, n. 21.

Ugarte, D. (2008). *O Poder das Redes: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo*. EDIPUCRS.

Versuti, A. C., & Lima, D. J. (2018). Produção de conteúdo transmidiático por fãs: potencialidades para a aprendizagem colaborativa. Em J. A. Valente, F. M. P. Freire & F. L. Arantes (orgs). *Tecnologia e Educação: passado, presente e o que está por vir*. NIED/UNICAMP.

Viu Hub. (2020, julho). #BLACKLIVESMATTER EM NÚMEROS. <https://gente.globo.com/blacklivesmatter-em-numeros/>

Walsh, C. (2009). Interculturalidad crítica y educación intercultural. Em Viaña, J., Tapia, L. & Walsh, C. (orgs.). *Construyendo Interculturalidad Crítica*. Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, p. 75-96.